A revolução portuguesa 'exportada' para Timor

joão pedro fonseca

09 Agosto 2005 — 00:00

Em Lisboa gritava-se "liberdade e democracia", a euforia era total. Em Timor, não eram muitos os intelectuais que percebiam essa oportunidade para um futuro país. Passou a ser possível a criação de movimentos e partidos políticos, um presente que caiu nos braços dos timorenses, isolados do mundo, da educação, da alfabetização. Um presente que, um ano e meio depois, se verificaria estar envenenado. São então criados três partidos. O Verão de Timor foi muito quente em 1975...

Mário Carrascalão, acarinhado pelo povo mas visto com desconfiança por muitos líderes timorenses, é o pioneiro da discussão político-partidária. É dele a frase proferida logo a seguir ao 25 de Abril - nas reuniões das elites para pensar o futuro político da nação - que "outra qualquer solução que não fosse à sombra da bandeira portuguesa seria traição". E é dele também a teoria de que todos os males de Timor eram culpa de Portugal, ele que foi também governador da 27.ª província indonésia nomeado pelo ditador Suharto.

Mário Carrascalão é apenas um dos exemplos paradigmáticos de quão complexa é a história política de Timor. Em Maio de 1974 fundava-se a primeira associação política após a revolução dos cravos a União Democrática Timorense (UDT), a que Carrascalão quis chamar União Luso-Timorense. A UDT pretendia manter uma forte relação com Portugal, mas admitia também a independência:

colhia grandes entusiasmos.

Timor-Leste - Amanhã em Díli, um livro de José Ramos-Horta publicado em 1994, retrata bem o momento político de Timor, ele que foi uma das peças fundamentais desse período. Participou - "por engano", diz ele - numa reunião que daria origem à UDT, logo após o 25 de Abril, e não se identificou com as ideias de Carrascalão. Lembra uma pergunta colocada "Senhor engenheiro, pode explicar-nos o que é a democracia?"

Mário Carrascalão lançou a UDT mas abandonaria a presidência do partido, dando lugar a Francisco Lopes da Cruz (recentemente indicado como embaixador da Indonésia em Lisboa), um ex-seminarista conhecido pelos timorenses como "Chico Lopes", então com o currículo de oficial miliciano com folha militar "exemplar" em Moçambique.

Ramos-Horta identifica Lopes da Cruz como o alvo vulnerável que faltava à Indonésia para encontrar aliados locais que pedissem a integração. "Foi através de Lopes da Cruz que a Indonésia desvirtuou a UDT", minou-a no topo, acabando depois por influenciar toda a direcção a romper a coligação com a Fretilin em

Enquanto os políticos discutem o futuro de Timor, dão-se os primeiros contactos diplomáticos entre Portugal e a Indonésia pós-revolução. O embaixador indonésio em Bruxelas, Frans Seda, vem a Lisboa dizer que "o futuro de Timor pode afectar interesses vitais indonésios". Era o primeiro aviso...

OS PARTIDOS. Ramos-Horta e Mari Alkatiri até simpatizavam com as ideias da UDT. Só não lhes agradava a ideia de continuar à sombra de Portugal, quando Portugal, manifestamente, se estava nas tintas para Timor. Outros intelectuais de esquerda da elite timorense não aceitaram a sugestão de Ramos-Horta, e nasce assim a ASDT, Associação Social Democrática de Timor. Na cabeça dos líderes do partido que viria a denominar-se Fretilin as ideias de Marx estavam longe. "Só, talvez, Nicolau Lobato e Alkatiri tivessem lido Marx ou Lenine", revela Ramos- -Horta. Em que pensavam então esses intelectuais? "Justiça social, democracia, distribuição equitativa das riquezas do país, economia mista e um sistema parlamentar com amplas liberdades." Pensavam na independência a dez anos. Até lá, era preciso reestruturar a organização administrativa, formar elites, abrir relações internacionais.

que Xavier, na verdade, era naquela altura mais favorável à integração na Indonésia... Xavier seria naturalmente da Apodeti, não fosse Horta a colocá-lo à força como presidente da Fretilin. Nicolau Lobato soube que era vice ao ler um boletim "Nada podemos fazer sem ti, tu e o Xavier são indispensáveis" Assim nasceu a ASDT.

Depois havia a Apodeti, que defendia a integração na Indonésia e constituía, para a "secreta" indonésia, a solução legal para a integração. Mas os seus fundadores, em grande parte, tinham cadastro...

A UDT e a Fretilin tinham pontos em comum. É tentada a fusão, mas não há vontade para tal dos líderes da UDT. Nasce então a Fretilin, a 11 de Setembro de 1974. Da ASDT à Fretilin há uma diferença são incorporados laivos de esquerdismo importados de Lisboa. O manifesto da ASDT foi feito por Ramos-Horta, o da Fretilin por Borja da Costa, recém-chegado de Portugal. Ramos- -Horta introduz um novo conceito, o "mauberismo". Uma aplicação do modelo de social-democracia sueco (Horta admirava Olof Palme) à realidade das comunidades tradicionalistas de Timor. As questões ao nível das aldeias eram discutidas, votadas pelo colectivo e só depois a decisão cabia ao líder.

Ainda em Setembro de 1974, desembarcam mais estudantes oriundos de Lisboa. Entre eles Roque Rodrigues, com todos os textos revolucionários na ponta da língua.

Discussões entre anticomunistas e os estudantes "vermelhos" enriqueceram intelectualmente a Fretilin, mas trouxeram prejuízos a Timor, com o excesso de tiques radicais. A palavra "camarada", o punho cerrado, os slogans esquerdalhos alertaram Jacarta. Sempre o perigo comunista...

receios da UDT. Entretanto, no seio da Fretilin vão aumentando as divisões. Dois grupos já reuniam separadamente. E tudo começou com os jovens estudantes vindos de Lisboa. Alkatiri, que alinhou com a facção esquerdista, tentou reconciliar os grupos.

Após semanas de conversações, em Janeiro de 1975, foi assinado o acordo cujo objectivo comum era a independência. Não foi fácil. O preâmbulo, redigido por Borja da Costa, estava cheio de slogans comunistas e ofensas ao "colonialismo português". A UDT não gostou, mas lá se chegou a um acordo. O abandono militar português era inevitável. Em Lisboa todos esperavam o regresso dos seus familiares.

Determinados a sabotar o processo de descolonização, os indonésios intensificaram a campanha de intimidação. Propõem à UDT a rotura da coligação. Chico Lopes vai a Jacarta, em Maio de 1975. Quando regressa, há uma reunião de urgência. Ordem de trabalhos as agressões a militantes da UDT por parte de fanáticos da Fretilin, na região de Aileu. Xavier do Amaral recebe em casa uma carta da UDT informando da decisão unilateral de terminar com a coligação. Razão oficial: a Fretilin era "comunista e no meio da organização havia pides". Razão real: as sovas a militantes da UDT convenceram membros do partido. Razão essencial: os dois líderes tinham ordens de Jacarta para o fazer.

A Indonésia cantava vitória e também os extremistas da Fretilin se deliciavam com a rotura de uma coligação que nunca aceitaram bem... Horta e João Carrascalão, irmão de Mário, lançaram então um plano, de que deram conhecimento ao governador Lemos Pires neutralizar os elementos radicais dos dois partidos. Horta tinha uma dificuldade: Nicolau Lobato e Alkatiri jamais aceitariam a proposta.

É Lemos Pires quem avança, promovendo uma cimeira em Macau, em Junho, com os três partidos e a delegação portuguesa. A Fretilin não vai, apesar de as conclusões lhe serem favoráveis criação de um alto-comissário português, eleição de um conselho consultivo e de uma assembleia constituinte. A Fretilin sabia que sairia vencedora.

A UDT estava minada Domingos Oliveira e João Carrascalão já não confiam em Lopes da Cruz. Mas vão a Bali, na primeira semana de Agosto, reunir-se com dirigentes indonésios. É-lhes proposto que a UDT acabe com a Fretilin: os países asiáticos jamais aceitariam um Estado comunista. Quando regressaram de Jacarta, os líderes da UDT reuniram-se, reuniram-se... o objectivo era delinear um plano para aniquilar a Fretilin e assim evitar a invasão indonésia. Pelo contrário, Jacarta queria um conflito interno, uma guerra civil dava argumentos para a invasão. João Carrascalão acabaria por reconhecer: mesmo que a UDT ganhasse o golpe contra a Fretilin, a invasão dar-se-ia. O golpe ocorre a 11 de Agosto.

PARTILHAR

MAIS NOTÍCIAS